



EVASÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: BUSCANDO AS POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES PARA ESSE “FENÔMENO”

EVASION OF HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION: SEEKING THE POSSIBLE EXPLANATIONS FOR THIS "PHENOMENON"

EDUARDO DE LIMA MELO

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará – UFC
Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
Doutorando em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB
Professor EBTT do Instituto Federal do Ceará – IFCE, Campus Umirim
eduardomelo.ef@hotmail.com

VALMIR ARRUDA DE SOUSA NETO

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira da
Universidade Federal do Ceará – PPGE/FACED/UFC
Professor EBBT do Instituto Federal do Ceará – IFCE, Campus Canindé.
valmir.arruda@fametro.com.br

RESUMO

O presente artigo aborda sobre a evasão dos alunos do Ensino Médio nas aulas de Educação Física, no qual se discutirá possíveis causas e motivos dessas evasões, buscando na sua história relações que podem ter influenciado no modo do professor ministrar essas aulas. Tem como objetivo descobrir a causa das evasões nas aulas de educação física no ensino médio, verificando o motivo dessas evasões e a opinião dos alunos em relação às aulas. O processo metodológico utilizado foi a leitura bibliográfica e aplicação de questionários em 120 alunos do ensino médio de uma escola estadual de Fortaleza. Os resultados dos estudos mostram que 67% dos alunos entrevistados não participam das aulas de educação física, concluindo assim que os motivos dessas evasões é a influência histórica dos processos de mudanças sofridos pela educação física.

Palavras-Chave: Educação Física, Ensino Médio. Evasão.

ABSTRACT

This article addresses on circumvention of middle school students in physical education classes, in which it will discuss possible causes and reasons for such avoidance, seeking in its history relations that may have influenced in the mode of professor teach these classes. It aims to discover the cause of avoidance during physical education classes in middle school, verifying the reason these evasions and the opinion of students in relation to the classroom. The methodological process used was the reading of the literature and application of questionnaires in 120 high school student of a school of state Fortaleza. The results of the studies show that 67% of the students interviewed do not participate in the physical education classes. Thus concluded that the reasons for such avoidance is the historic influences of the processes of changes suffered by physical education.

Keywords: Physical Education. Secondary Education. Circumventio.

1. INTRODUÇÃO

Não seria equívoco dizer que Educação Física Escolar estaria comprometida com alguns monopólios da político-social advindos da revolução francesa e que perpassam até os tempos atuais. Essas influências afetam diretamente a Educação Física, principalmente, a escolar, o que tem conduzido a transformações nas manifestações de suas tendências pedagógicas (BARBOSA, 2001).

Essa conjectura, a qual é perpassada por diversos olhares, muitas vezes divergentes, dificultada uma percepção mais uniforme e, por isso, vem lutando pela sua identidade, querendo conquistar um lugar junto com as demais disciplinas. No entanto, assim como adverte Barni (2003), a Educação Física ainda busca seus fundamentos principais, questionando seus objetivos e seus conteúdos.

Diversos autores, como Freire (1999), Kunz (2004), Coletivo de autores (1992), documentos oficiais de instancias governamentais, como os PCN's (1998), entre outros, vem propondo possibilidades de reconfigurações para a prática da Educação Física na escola. Mesmo assim ainda há muito a caminhar na constituição de uma disciplina que assuma importância, de fato, na escola.

Para Darido (1994), um dos objetivos da disciplina dentro da escola, é oferecer ao educando condições para que o mesmo seja crítico em aspectos da cultura corporal, oferecendo-o condições para que mantenha essa prática de atividades físicas após o encerramento de sua formação.

Entretanto não se pode ensinar alguém a prática de atividade física e fazê-lo alcançar os benefícios que ela se propõe a desenvolver se o mesmo não comparecer as aulas. Partindo dessa reflexão, firmaram-se nossas questões de investigação: porque alunos do ensino médio não participam das aulas de Educação Física? Qual seria o motivo dessa evasão? Considerando essas questões, elegemos nosso o objetivo, o qual consistiu em buscar o porquê dessas evasões, identificando possíveis motivos e causas.

O interesse em realizar tal estudo emergiu das experiências da vida escolar, assim como da vivência no estágio supervisionado realizado no curso de Licenciatura em Educação Física, no qual foi observado que muitos alunos deixavam de participar das aulas de educação física por não terem habilidade para o esporte praticado; porque a aula é sempre o mesmo esporte; para fazer cursos pré-vestibulares e, em sua grande maioria, os alunos não participam por não gostarem das aulas.

Buscamos então revisar toda a história da Educação Física para procurar possíveis acontecimentos que possam ter influenciado a evasão dos alunos do ensino médio nas aulas. Desde a chegada da Educação Física no Brasil, junto com a Família Real Portuguesa, as grandes tendências pedagógicas de cada época, até a sua Constituição Federal e o papel do professor, da escola e dos alunos.

2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.

Sua primeira aparição na história como atividade física constitui-se na Grécia antiga, chamada de ginástica, sendo primordial na formação dos jovens, na qual, segundo Maroe (1976 *apud* BARBOSA, 2001) metade do tempo escolar dos jovens de 7 aos 16 anos do menino praticavam as atividades de ginástica e lutas, cujas práticas eram compostas por corrida, lançamento de disco, de dardo, salto e luta.

A Educação Física volta a aparecer no período renascentista, ainda com o nome de ginástica, a partir de filósofos e pensadores como Montaigne, que defendia o enrijecimento do corpo, não só da alma, e exaltando a importância da ginástica (OLIVEIRA, 2006). Na Europa, surge pela primeira vez escolas que incluíram a ginástica com um papel de destaque, as quais segundo Barbosa (2001, p.49) “tinha por missão construir um novo homem, mais forte, ágil e empreendedor para essa sociedade”.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, mais precisamente em 1808, presencia-se uma nova estratégia de dominação. Surgem necessidades até então desconhecidas para a população brasileira, das quais podemos destacar o desenvolvimento de estrutura física e o aporte a cultura, com uma tendência a elitização da nobreza.

Nessa reordenação, o sistema educacional também é afetado, assim como destacar Oliveira (2006, p. 52),

Apesar da emancipação política (1822) [...] a primeira constituição (1824) dava poderes ilimitados ao imperador. A fase imperial registra tentativas de organização do sistema educacional que nunca tivemos e, a partir daí, algumas reformas educacionais tentem minimizar o verdadeiro caos em que se encontrava a educação brasileira.

Exatamente na mesma época iniciou-se a história da educação física no Brasil, com a chegada dos primeiros livros sobre o assunto, a então instituição modelo de educação no Brasil, o Ginásio Nacional (Hoje Colégio Pedro II), que incluiu como disciplina em seus currículos – a ginástica (OLIVEIRA, 2006). Em 1851, foi sancionada a lei que obrigava a prática da ginástica nas escolas primárias do Rio de Janeiro, até então, Município da Corte.

Naquela época o Brasil sofreu bastante com a colonização de Portugal e com o seu atraso cultural em relação aos outros países europeus (CASTELLANI FILHO, 1988), afetado por uma influência filosófica implantada pela igreja católica e seguida por Portugal.

3. TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Com o fim desse Império, começou a ser utilizado o método das escolas alemã, adotada nos meios militares, provocando assim, segundo Oliveira (2006, p.53) “reações por parte daqueles que viam a Educação Física como elemento de Educação, e não um mero instrumento para adestramento físico”. Entretanto, para Castellani Filho (1998, p.37-38), as instituições militares mostraram-se sensíveis

[...] à influência da filosofia positivista [...] Levou para associar a Educação Física à Educação do Físico, a Saúde Corporal. [...] nessa compreensão, juntava-se os médicos. [...] que por sua vez se auto proclamavam-se o mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da “nova” família brasileira.

Com esse discurso médico Higienista, as instituições médicas foram privilegiadas, acreditando assim que os elementos auxiliares da Educação Física eram uma saúde física e mental, promotora de saúde, regeneradora da raça, da virtude e da moral. Para Foucault (*apud* CASTELLANI FILHO, 1988, p.41) “o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o corpo social e mantê-lo em um permanente estado de saúde”. Constrói-se, assim, um novo homem para o Brasil, disciplinando seus corpos, seus hábitos e suas vidas, em nome da saúde e da civilização.

Em 12 de setembro de 1882, na câmara dos deputados, a Educação Física ganhou destaque em um pronunciamento de Rui Barbosa. Em seu parecer destaca-se a proposta de que a ginástica deveria ser inclusa nos programas escolares como disciplina, em horários distintos ao do intervalo e pós aula.

Castellani Filho (1988), ao citar um pedaço do parecer de Rui Barbosa, conduz-nos a perceber como a Educação Física escolar estava voltada para a educação patriarcal e sexual do aluno. Rui (1882) diz: “Com a medida proposta, não pretendo formar nem acrobatas, nem Hércules, mas desenvolver na criança o quantum de vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, a felicidade da alma, à preservação da pátria e à dignidade da espécie”. A educação Física destinava-se ao simples fato de perpetuar a raça burguesa. Para gerar filhos fortes e saudáveis, as mulheres deveriam ser fortes e sadias, gerando filhos aptos a defender a

pátria ou filhas para se tornarem mães prontas para gerar mais filhos. Com a tomada do Poder Executivo brasileiro pelos militares, ocorreu um crescimento abruito do sistema educacional, no qual o governo planejou usar escolas públicas e privadas como fonte de programa do Regime Militar (SOARES, 2012).

Nesse período a “esportivização” intensificou-se, como forma de manutenção da ordem. Basicamente, havia um investimento do Estado Ditador na Educação Física como estratégia de combater protestos da população e eventuais discordâncias. O esporte era utilizado como distração para não deixar a vista como realmente estava a política na época (SOARES, 2012).

Essa Educação, de caráter tecnicista, voltada para a súbita valorização do esporte, tornou a Educação Física uma “mera prática esportiva”. Fortaleciam-se, no âmbito escolar, aulas com ausência de criatividade e reflexões pedagógicas. Passa-se a priorizar aspectos como: competição, rendimento e a associação da vitória com o sucesso. Nesses moldes, segundo Benvegnú (2011), a formação do professor de Educação Física era voltada inteiramente para a preparação física do aluno, com aspectos técnica do treinamento, tendo como objetivo meramente a reprodução de técnicas esportivas, e não o conhecimento do mesmo.

Essa forma de ser da educação Física a fez passar por uma profunda crise de identidade na década de 80, especialmente porque sua função sócio-política nas escolas brasileiras foi criticada e com o surgimento dos movimentos renovadores, como a psicomotricidade e o humanista. Segundo o Coletivo de autores (1992), o movimento ‘psicomotricidade’ consiste em privilegiar o estímulo ao desenvolvimento psicomotor especialmente a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras e o movimento ‘humanista’, conforme apresenta Benvegnú (2011), preocupa-se com a Educação integral do aluno, vendo o conteúdo como um instrumento para a promoção de relações interpessoais.

Foi a partir da década de 80, devido a diversos fatores, como a discussão sobre o objetivo de estudos da Educação física, a abertura de programas de mestrado na área, e o panorama político, que a Educação Física vive um momento de valorização, fortalecido pelos conhecimentos produzidos pela ciência (ANTUNES e GEBRAN, 2010).

4. NOVAS ABORDAGENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Com essa nova visão da Educação Física, alguns estudiosos/autores direcionaram seus estudos sobre o ensino da Educação Física para uma abordagem Sociológica na Educação, entendendo-se que esta deveria atender a classe trabalhadora e seus interesses imediatos e

históricos, correspondentes as suas necessidades, como alimentação, habitação, saúde, educação, transformar a sociedade em um lugar onde os trabalhadores possam usufruir do resultado de seus trabalhos (ANTUNES e GEBRAN, 2010)

O que se vê, na perspectiva apontada e em outras, é uma preocupação com a constituição de uma Educação Física que para além das tendências higienista e esportivista. Nessa perspectiva, a disciplina ganha contornos específicos a partir dos olhares de diferentes autores. Antunes e Gebran (2010) analisaram esse contexto e identificaram autores como Bracht, Castellani Filho e Betti, que defendem a Educação Física como cultura corporal do movimento; Toni e Sérgio compreendem que a Educação Física passa a ser educação motora, preocupando-se com as habilidades motoras; Daolio e Kunz entendem a disciplina como uma forma de comunicação, uma construção social. Essas novas configurações ajudam a Educação física a superar o status de atividade e assumir-se como disciplina dos currículos escolares.

Os autores citados valorizam o aluno como um ser humano, respeitando seu desenvolvimento, abordando o conhecimento e a importância das propostas pedagógicas, nas quais o movimento corporal junto com o conteúdo é inserido no universo da criança. Começa, assim, uma nova educação física na qual, ao contrário do “rolar bola”, os alunos pesquisam sobre os esportes, participam de discussões, trazendo a teoria para junto da prática. (MATTA, 2001)

A oportunidade para essas mudanças ocorreu devido às leis sancionadas que levam a Educação Física para esse patamar. Porém seu caminho foi turbulento, como podemos ver em sua história. Sua Legislação durante todos os anos sempre buscou alienar e impor na Educação Física Escolar questões de interesse político, sendo o estado que determinaria os padrões educacionais, como vimos no higienismo, militarismo e esportivismo. Um exemplo foi o governo ditatorial que via na educação física uma oportunidade de desviar a atenção da população dos problemas políticos, através dos esportes de rendimento.

Sendo essa escola um aparelho ideológico do estado, começa a sobressair a contradição de interesses entre proletariado e burguesia. O povo instruído começa a entender como se efetua a exploração capitalista e passa a pressionar a burguesia para que ela conceda maiores benefícios para o proletariado. Do ponto de vista da elite dominante, essa escola não estava funcionando bem pois, ao invés de consolidar o poder burguês pós-revolucionário, estava incitando o proletariado a exigir maior participação política e econômica (BARBOSA, 2001, p.51).

O que se pode identificar é que a Educação Física vem sendo incluída no currículo das escolas de educação básica como disciplina através das Leis Federais e Estaduais. Em se

tratando do contexto atual, a obrigatoriedade da disciplina de Educação Física na escola está amparada na LDB de 1996 (alterada em 2003): Lei 10.7933 altera a redação do artigo 26, parágrafo 3, e o artigo 97 de 1996 nº 9.394/96, que diz:

3º A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação física, sendo sua prática facultativa ao aluno:

- I. Que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II. Maior de trinta anos;
- III. Que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da Educação Física;
- IV. Amparado pelo Decreto – Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;
- V. (VETADO)
- VI. Que tenha prole.

Podemos ver primeiramente que essa Lei está voltada para uma aula inteiramente constituída por atividades físicas, não indicando, pelo menos expressamente, a possibilidade de abordagem de conteúdos que possa agregar a formação do aluno. Outra questão a ser abordada é a palavra “facultativo” que se encontra posta na Lei, indicando a sua não obrigatoriedade em certos casos. Essa diferenciação mostra que a Educação Física, no contexto escolar, não se iguala as demais disciplinas, pois os alunos, amparados pela lei, não poderiam optar por ter ou não que frequentar aulas de Educação Física, o que não acontece com outras disciplinas, como matemática, história e ciências. No entanto, documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, emergiram com olhar eminentemente educativo e, por mais que existam crítica a ele, disseminou-se de forma efetiva nos espaços escolares, configurando-se, em certa medida, como orientadora das ações da disciplina.

5. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física está localizada dentro da área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Assim que o abrimos na área destinada a Educação Física, percebemos a intenção de trazer o aluno de volta para as aulas, quando ele diz “Aproximar o aluno do ensino médio novamente à Educação Física” (BRASIL, 2000, p. 33).

Ulasowincz e Peixoto (*apud* SAMPAIO, 2012) afirmam que o afastamento dos alunos das aulas de educação física ocorre devido a esportivização excessiva das aulas, além da repetição de determinados esportes. Caberia, assim, aos professores de Educação Física

“recuperar o prestígio perdido nas últimas décadas, propondo e desenvolvendo projetos de ação que realmente alcance os objetivos do ensino médio” (BRASIL, 2000, p. 35).

No entanto, os reais objetivos da educação tem ficado se distanciando de uma formação do sujeito, assumindo outros que, postos de forma isolada, “transformam” a educação é espaço de instrumentalização para acesso a outros níveis de formação educacional e a profissionalização. Não seria equívoco dizer, de fato e não ao nível do discurso, que no Brasil estes consistiriam em dois principais: o primeiro estaria relacionado a preparação do aluno para o vestibular para adentrar no ensino superior e o segundo a sua preparação para o mercado de trabalho. Priorizam-se preocupações no investimento no futuro. Essa lógica acaba valorizando os conhecimentos que são “portas” de acesso a esse futuro, normalmente os saberes teóricos trabalhados na escola e que são cobrados nos exames, como em vestibulares, os conhecimentos técnicos, necessários para o exercício de certas profissões. Este poderia ser mais um motivo porque o aluno deixa a educação física em segundo plano.

6. EVASÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO.

Podemos ver, claramente, a preocupação com a evasão dos alunos nas aulas de educação física nos PCN’S. Um dos fatores dessa evasão, segundo Neto (2010), seria a repetição de programas já vivenciados pelos alunos, onde as aulas que esses alunos tiveram no ensino fundamental são as mesmas do ensino médio, reduzidas a execução dos gestos esportivos. Essa experiência acumulada do ensino faz com que o aluno fique descontente com o conteúdo abordado pelo professor, tornando essa atividade sem valor.

Essa forma de abordar os conteúdos pode ser consequência da constituição histórica da educação física e sua esportivização, a acomodação de alguns professores, em passar apenas os conteúdos que mais domina e, assim, não sair da sua zona de conforto trás uma grande. O que é evidente que as ações mencionadas podem levar a uma satisfatória quantidade de evasões nas aulas. Em se tratando dessa forma de conduzir as aulas da Educação Física, os PCN’s destacam: “Tantas vezes nos perdemos em repetições de fundamentos esportivos que nada significa para aqueles que na verdade é o motivo do trabalho: Os alunos”. (BRASIL, 2000,p.41). Devemos considerar o papel da escola, do professor e do aluno para a formação de uma Educação Física no Ensino Médio de qualidade e sem evasões.

As escolas, principalmente particulares, utilizam o aluno como marketing precioso para as propagandas, no qual os alunos, que estão principalmente no terceiro ano do ensino médio, são “liberados” da Educação Física para dedicar-se aos estudos. Segundo Nunes e

Campos (2009) isto faz com que “a Educação física gradativamente perca a força na escola, afinal, esporte não coloca ninguém na faculdade”.

Porém, Le Boulch (2008, p.22) alerta que a escola não devem satisfazer as exigências que o mundo do trabalho impõe, e sobre a lentidão que é sua evolução em relação as mudanças da sociedade; ainda acrescenta dizer que “essa busca pela formação na idade adulta deveria ter como consequência limitar a tendência enciclopédica dos programas escolares”. Essa “obsessão”, se assim podemos dizer, da escola em formar alunos que entrem na faculdade em primeiro lugar, para engrandecer a mesma, acaba fazendo com que a Educação Física no Ensino Médio seja esquecida e, por isso, alvo dessa evasão.

A busca da Educação Física pela igualdade perante as outras disciplinas, ainda encontra-se em construção. A escola é um dos fatores que dificultam essa ação, pois a Educação Física é vista na escola apenas como atividade escolar, e não como disciplina, tornando-a uma unidade de apoio ao ensino (GARIGLIO, 2013).

A escola deve tentar minimizar a distância que se encontra o Professor de Educação Física da sua direção, buscando realizar trabalhos em conjunto (GASPARI, 2006), visto que a direção da escola tem um papel muito importante para a Educação Física. A gestão deve ajudar a organizar e cobrar dos professores de Educação Física a elaboração dos planejamentos adequados a uma formação mais autônoma, criativa e crítica, a qual não se faz com a mera repetição de gestos técnicos.

O professor de Educação Física adquire um vasto conhecimento na sua formação, entretanto, ao chegar na escola, acaba seguindo uma rotina, que não é, senão, a repetição de aulas que já há bastante tempo vem caracterizando essa disciplina, pautada somente na prática do esporte e, para piorar, na aprendizagem mecânica e sem sentido deste. Por isso, não resgatar os conhecimentos que aprendeu em seu processo formativo. Esses professores, muitas vezes, até desenvolvem projetos novos em suas primeiras semanas de aula, porém, com o passar do tempo, voltam a postura anterior, repetindo as antigas atividades (NEIRA, 2009).

O professor ao ministrar suas aulas de Educação Física no Ensino Médio tem que motivar o seu aluno a participar da sua aula, tornando-a prazerosa e satisfatória, propondo conteúdos novos, criativos, especialmente aquele questão em alta na mídia e que podem ser alvos de reflexão nesta disciplina. Já para Sampaio (2012), os alunos estão cada vez mais conectados, recebendo informações a todo momento, seja pela internet ou pela televisão. Esses atrativos substituem as ações corporais, transformando o aluno em um sujeito passivo

de ação. É preciso por em relevo o que é disseminado pela mídia, como os padrões de beleza, possibilitando o contra ponto, permitindo assim, uma atuação mais ativa perante a realidade.

Segundo Gaspari (2006), esses novos conteúdos nas aulas devem ser esclarecidos e discutidos com os alunos para que essas transformações tragam a confiança para eles e, para tanto, deve-se tornar mediador entre os saberes e despertar, dialogicamente, os interesses da disciplina e os interesses dos alunos, de modo a reconfigurar sua ação pedagógica. Essas negociações devem estabelecer limites e bom senso de ambas as partes. Com essas negociações o professor de Educação Física deve buscar com que o aluno se interesse pela aula e pare de forçar situações de dispensas. Essa participação direta dos alunos faz com que o professor consiga detectar as necessidades de cada aluno, dando liberdade e autonomia nas escolhas das atividades, ajudando-o assim na sua formação social.

Essa proposta, entretanto, torna-se muito complicada, pois para Gaspari (2006) “os alunos não possuem parâmetros para se orientar e se organizar dentro da cultura escolar”. Esses alunos estão em uma fase de desenvolvimento humano, de uma busca por uma identidade, construir uma personalidade e a escola junto com a família e com os amigos influenciam no aluno a construção de sua identidade.

Os alunos de Ensino Médio devem assumir um compromisso com o professor de Educação Física para que o mesmo possa cumprir seu papel de interlocutor de conhecimento e o aluno deve saber que as aulas podem ser flexíveis e que ele pode expor seus pensamentos; que aquele espaço é para ele aprender a resolver seus próprios problemas, mostrando que estão dispostos a serem dirigidos em determinados padrões, no caso a sala de aula, compartilhando e compreendendo os objetivos das aulas (MATTOS e NEIRA, 2013).

7. METODOLOGIA

Este estudo é configurado por uma pesquisa de campo, com enfoque descritivo e abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002) Pesquisa de campo é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

Principiou com a realização de um levantamento bibliográfico de investigações que abordavam a temática desse estudo e, em seguida, a aplicação de um questionário para 120 alunos do Ensino Médio de uma escola Estadual do município de Fortaleza-CE.

A intenção era descobrir possíveis causas das evasões nas aulas de Educação Física no ensino médio e, para tanto, procurou identificar a visão que os alunos do ensino médio têm sobre a educação física e enfatizar a importância da disciplina no ensino médio. O referencial

teórico que pautou esse estudo foi composto por Mattos e Neira (2013), Oliveira (2006), Castellani Filho (1988), Soares (2004), entre outros.

8. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a aplicação do questionário, podemos perceber claramente o que já víamos constatando durante a elaboração do artigo. De 120 alunos que participaram da pesquisa, 67% não participam das aulas práticas de Educação Física. Sendo que 50% desses não participantes buscam a participação atividades físicas fora da escola, como futebol, dança, lutas, basquete, handebol e vôlei.

Os PCN's também apresentam claramente essa constatação ao dizer que o aluno vem se afastando das aulas de Educação Física e buscando atividades “extra-escolares”, para a obtenção de experiências corporais que o satisfaça e lhe proporcione aprendizado (BRASIL, 2000), experiências essas que poderiam ser vistas nas aulas de Educação Física.

Entre os 33% dos alunos que participam das aulas de Educação Física, 62% buscam atividades fora do horário escolar. Para Darido (2004), proporcionar ao aluno a construção de uma autonomia para que o aluno vivencie práticas regulares de atividades físicas após as aulas e no término do ensino médio, em sua vida adulta, é um dos fins dessa da disciplina.

Ao serem perguntados sobre o que faziam fora dos horários de aula, 23% dos alunos disseram que trabalham, 28% fazem curso pré-vestibular, 8% cursos em geral e 52% dos não praticantes não fazem nada. O que se pode perceber é que, em se tratando de tempo disponível, para metade do grupo investigado, não há impeditivo para participar das aulas, já que estas são realizadas em horário inverso ao que estudam regularmente na escola, contradizendo Nunes e Campos (2009), que descrevem que no ensino médio a Educação Física acaba perdendo espaço, pois é no Ensino Médio há preocupação dos alunos em investir no futuro, com o vestibular e definição profissional, o que acaba deixando a Educação física em segundo plano.

Percebemos o descontentamento dos alunos em relação às aulas, tanto os participantes como os não participantes. Ao perguntarmos sobre o que faltava nas aulas de Educação Física, 31% disseram esportes diferentes, 28% exercícios variados, 14% a falta de materiais esportivos, 13% reclamam de que não tem local apropriado para a prática das atividades e para 14% dos alunos não falta nada. Interessante é que dois alunos escreveram do lado das opções que “Falta tudo (menos aula teórica)”.

Neto (2010) descreve que as aulas de Educação Física não devem basear-se em aulas teóricas ou praticas descontextualizada. O autor descreve que as aulas devem contemplar o

conhecimento do “movimento humano consciente”, que sejam feitas reflexões de suas intervenções e não a repetição de programas e gestos esportivos, portanto, a Educação física escolar deve equilibrar ambas as partes.

Quando perguntamos sobre o que é Educação Física, 30% disseram que é um momento de lazer, 29% descontração, 21% que é uma atividade extraclasse, 17% disciplina obrigatória e cerca de 3% apresentaram outros entendimentos. Desses, três alunos disseram que eram saúde e bem estar e um destacou que era uma “atividade que ajuda na saúde física e psicológica”.

Não há, de forma geral, uma percepção da Educação Física enquanto disciplina curricular, conforme pudemos constatar nas compreensões dos alunos, constatação essa que converge com o entendimento de Gariglio (2013), quando destaca que os alunos não veem a Educação Física como uma disciplina como as outras, mas sim como um espaço para relaxamento, uma atividade que está mais relacionada a apoiar o ensino escolar.

Ao serem questionados sobre o que gostariam de aprender nas aulas, percebemos que os alunos ainda querem aprender sobre “Handebol, Basquete e vôlei”, entretanto também aparece “ginástica Dança, Futevôlei, luta e futebol americano”. Porém, não é a simples prática. Os alunos querem atividades criativas, “atividades diferentes”, como alguns colocaram.

Ulasowicz e Peixoto (*apud* SAMPAIO, 2012) abordam sobre a esportivização excessiva nas aulas de Educação Física, descrevendo que este é o grande motivo dos afastamentos dos alunos das aulas. Entretanto, podemos perceber na pesquisa, que não se trata dos esportes e sim de um esporte, o futsal, ou futebol, não foi citado por nenhum aluno, o que mostra que as aulas de Educação Física são baseadas em apenas um esporte.

Podemos claramente perceber o interesse dos alunos em aprender esportes diferentes, quando os mesmos descrevem que gostariam de aprender “tudo sobre esportes, tanto atuais como na antiguidade”, “Gostaria que tivesse mais aprofundamento de esportes que não são populares”, “vários esportes diferentes do que já conhecemos atualmente” ou “esportes que tem pouco conhecimento e são praticados no Brasil”. Joaquim (2000) aborda que quando não ofertamos atividades diversificadas, resumimos a Educação Física Escolar a “poucos esportes e escassas atividades”, a prática pode tornar-se desmotivante.

Alguns alunos citaram que gostariam de aprender sobre “primeiros socorros”, “Como socorrer pessoas em momentos que temos que agir rápido: Primeiros socorros”. Com essa esportivização histórica da Educação Física, que ainda está presente nas vivências escolares, os professores acabam esquecendo que o leque de possibilidades que a disciplina pode ofertar.

Segundo Neto (2010), com essa tradição é comum que vejam a Educação Física como uma disciplina de cunho prático, de modo que professores e alunos limitam-se a realização, daqueles, e participação, desses, em práticas esportivas, especificamente, o jogar futebol.

Embora Neira (2009,p.7) destaque que “a Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade sobre o corpo e a motricidade”, o que nos parece é que, no meio de tantos conhecimentos, nos restringimos a plena prática de um único esporte específico, nos impedindo de alcançar as potencialidades que a Educação Física pode oferecer.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideradas a informações aqui levantadas é possível inferir que um dos principais motivos das evasões nas aulas de Educação Física no ensino médio está relacionado às estratégias metodológicas que o professor de aborda em suas aulas, focadas, quase que exclusivamente, na prática de um único esporte, desmotivando os alunos e os “conduzindo” a não participar das aulas. Constatamos que nada impede o aluno de comparecer as aulas, já que a grande maioria não trabalha e não faz cursos no momento das aulas e, mesmo assim, não participam, o que nos leva a pensar que, pelo menos nessa investigação, é a falta de interesse na disciplina o motivo das evasões.

Barbosa (2001), ao descrever que a aula de Educação Física destaca que ela só é “chata” por causa da postura adotada pelo professor durante a aula e não por conta da mesma ser na quadra ou em sala. Com a acomodação de alguns professores em repassar apenas o que é de domínio do próprio, traz um grandes, a evasão dos alunos em suas aulas. Apesar de ter um vasto conhecimento adquirido em sua formação, não procuram se atualizar para trazer a seus alunos, atividades criativas e diferenciadas.

O professor deve e tem que buscar escutar seus alunos do ensino médio, pois os mesmos estão em uma determinada fase da vida que está sempre disposta a questionar tudo e a todos. Ao escutar seus alunos o professor consegue descobrir possíveis interesses que podem ser mobilizados em suas aulas, facilitando assim a melhor definir o que deve ensinar, inclusive utilizando as mídias sociais como sua aliada, prendendo a atenção e despertando o interesse. Como fazem parte do seu dia a dia, podem servir de fontes de informação e reflexão para serem discutidas em sala.

Não só o professor, mas também os alunos e a instituição tem que entender que a Educação Física faz parte do componente curricular da escola, que e uma disciplina como qualquer outra, e não uma atividade extra para que os alunos possam se distrair.

Por fim, é preciso frisar que não é só a esportivização a causa das evasões dos alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física, apesar de ser um dos grandes motivos, entretanto a falta de motivação dos alunos acaba fazendo com que essas evasões aumentem, fazendo com que a Educação Física no ensino médio fique cada vez mais esquecida na escola.

10. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alan Rodrigo; GEBRAN, Raimundo Abou. **A Educação Física no contexto escolar: trajetória e proposições pedagógicas**. Comunicações. Piracicaba. Ano17. Nº1. P.31-41. jan-jun. 2010.

BARBOSA, Claudio L.de Alvarenga. **Educação Física Escolar: As Representações Sociais**. Rio de Janeiro. Shape, 2001.

BARNI, M. J.; SCHNEIDER,E.J. **A Educação Física no Ensino Médio: Relevante ou irrelevante?**. Instituto catarinense de Pós-Graduação, 2003. Disponíveis em www.icpg.com.br Acesso em: 15 outubro de 2015.

BENVEGNÚ, Arnaldo Elói Junior. Educação Física Escolar no Brasil e seus Requisitos Históricos. **Rev. de Educação do Ideau**. v. 6. n. 13. Jan/jul. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. Brasília, 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas. São Paulo. Papyrus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo, SP. Editora Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes. **Rev. Brasileira de Ed. Física e esportes**. São Paulo. V 18.nº1 p.61-80. Jan/mar. 2004.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

GARIGLIO, José A. **Fazeres e saberes pedagógicos do professor de ed. Física**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2013.

GASPARI, Telma C.; SOUZA JR, Osmar; MACIEL, Valeria; IMPAOLCETA, Luciana V.; ROSARIO, Luis F.; IORIO, Laercio, DI THOMMAZA, Aline; DARIDO, Suraya C. A realidade doa professores de ed. Física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Rev. Min. Edu. Fís**. Viçosa. V.14. nº1. p.109-137. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

LE BOULCH, Jean M. **O corpo na escola no século XXI: práticas corporais**. São Paulo. Phorte. 2008.

MATTA, Dinalba Ferreira. **A educação física no Brasil: com uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais**. Lato e Sensu. Belém. v.2 n. 3. p. 30-33. Julho/2001.

MATTOS, Mauro Gomes; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na Adolescência: Construindo o conhecimento na escola**. 6º ed. São Paulo. Phorte, 2013.

NEIRA, Marcos G. **Educação física: desenvolvimento competência**. 3. ed. São Paulo. Phorte, 2009.

NETO, Álvaro R. M.; CRUZ, Ronaldo P.; SALGADO, Simone da S.; CHRISPINO, Renata F.; SOARES, Antônio J. G. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. **Pensar a prática. Goiânia**. v. 13.n. 2. p. 1-15. Maio/ago. 2010.

NUNES, Paulo H. Caixeta; CAMPOS, Luiz A. S. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas praticas de educação física escolar. **Coleção pesquisa em educação física**. v. 8. n. 2. 2009.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física?** 11. ed. São Paulo. Brasileinse. 2006.

SAMPAIO, Adelar A.; BAEZ, Marcio C.; STOBÄUS, Dieter; OLIVEIRA, João R.G.de. **Educação Física no Ensino Médio: motivos para evasão**. 4º congresso internacional de educação. 2012.

SOARES, Everton Rocha. Educação Física no Brasil: Da origem até os dias atuais. **EFDeportes**. Buenos Aires - Año 17 – n. 169 - Junio de 2012. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/> . Acessado em: 25 de outubro de 2015.